



Destaque Rural Nº 296

28 de Agosto de 2024

DESLOCADOS CLIMÁTICOS E CONFLITUALIDADES EM MOÇAMBIQUE¹

Luís Artur

RESUMO

O mundo está a testemunhar movimentos sem precedentes. Uma combinação de eventos extremos associados a mudanças climáticas acoplados a conflitos militares e violência aumentou o número de deslocados e espera-se que esta tendência migratória se mantenha e se expanda ao longo dos próximos anos. A Agência das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) totalizou, em 2023, ao nível mundial, cerca de 117 milhões de deslocados sendo 68.3 milhões de deslocados internos numa tendência crescente ao longo dos últimos 12 anos. Em relação a eventos climáticos extremos estima-se que, em média, 21.9 milhões de pessoas são anualmente deslocadas por estes eventos tendo este número sido quebrado em 2022 que registou 31.8 milhões evidenciando, igualmente, as tendências crescentes de deslocados por eventos climáticos extremos. Em Moçambique, a ACNUR refere que o número de pessoas deslocadas internamente quer por conflito no norte do país quer por eventos climáticos extremos, totalizava, em Maio de 2024, cerca de 700 mil (582,764 devido aos conflitos em Cabo-Delgado e 126,305 devido a eventos climáticos extremos) enquanto cerca de 24 mil eram refugiados provenientes de países como Congo, Burundi, Ruanda e Somália. Estas movimentações são potenciais geradoras de conflitos quer por diferenças socioculturais quer pela competição pelo acesso e uso de recursos para garantir a sobrevivência. Este artigo olha para conflitos existentes derivados dos deslocamentos de comunidades por força dos eventos climáticos extremos. Os resultados mostram que os conflitos não se circunscrevem apenas a deslocados e comunidades hospedeiras; existem, nestes contextos, conflitos entre os deslocados entre si, entre as comunidades hospedeiras entre si, e entre todos eles sendo que uns são mais abertos e outros mais fechados. As conflitualidades registam-se também no acesso e uso de discursos, e na aceitação de percursos. Por outro, os resultados mostram que as relações entre os diferentes intervenientes não são apenas as de competição; existem complexas relações que incluem também o mutualismo, o comensalismo, o amensalismo e o parasitismo.

¹ Este destaque rural resulta de uma apresentação feita na conferência anual do OMR de 2024 com o título Factores de conflitualidade em Moçambique.

Palavras-chave: Deslocados, Mudanças Climáticas, Comunidades Hospedeiras, conflitos, acesso a recursos.

INTRODUÇÃO

As migrações sempre fizeram parte da história da humanidade, quer como mecanismo meramente de sobrevivência, quer como mecanismo de conquista de novos territórios, povos e recursos. Em todos processos migratórios existem factores de pressão e atracção (*push and pull factors*) que influenciam as decisões de assim se proceder. Guerras, violência, desastres, perseguição, pobreza, fome são dos factores mais comuns de pressão quanto a melhores oportunidades de emprego, de formação, e de segurança, física, alimentar, psicológica, e de posse são atractivos para migrações. Apesar de ser um processo histórico, que permitiu construir impérios e economias mundiais, a intensidade de migrações no mundo contemporâneo tem elevado a discussão sobre os impactos reais de migrações, nos ritmos actuais, incluindo o potencial das mesmas exacerbarem conflitualidades, sobretudo em contextos de recursos limitados de naturais, físicos, financeiros e político-administrativo. A Agência das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) totalizou, em 2023, ao nível mundial, cerca de 117 milhões de deslocados, sendo 68,3 milhões de deslocados internos, com tendência crescente ao longo dos últimos 12 anos². Em relação a eventos climáticos extremos, estima-se que, em média, 21,9 milhões de pessoas são anualmente deslocadas por estes eventos tendo este número sido quebrado em 2022 que registou 31,8 milhões³ evidenciando, igualmente, as tendências crescentes de deslocados por eventos climáticos extremos.

Em Moçambique, a ACNUR refere que o número de pessoas deslocadas internamente, quer por conflito no norte do país, quer por eventos climáticos extremos, totalizava, em Maio de 2024, cerca de 700 mil (582,764 devido ao conflito em Cabo-Delgado e 126,305 devido a eventos climáticos extremos), enquanto cerca de 24 mil eram refugiados provenientes de países como Congo, Burundi, Ruanda e Somália⁴.

O presente artigo analisa as conflitualidades derivadas da mobilidade das pessoas, sobretudo por conta de eventos climáticos extremos e desastres 'naturais', sem, no entanto, descurar outras causas, tais como, o terrorismo no norte do país. O país é ciclicamente assolado por eventos climáticos extremos de que resultam processos complexos de deslocamentos e reassentamentos forçados com implicações ainda pouco conhecidas. O artigo sumariza os resultados de trabalhos de pesquisa realizados nas províncias de Cabo-

² UNCHR (2023) *Global Trends. Forced Displacement in 2023*. Geneva

³ IOM (2023) *Thinking about Tomorrow, Acting Today: The Future of Climate Mobility*. IOM, Genebra.

⁴ <https://data.unhcr.org/en/country/moz> acedido a 17 de Julho de 2024

Delgado e Nampula, no âmbito de avaliação de contexto para a implementação de acções antecipadas a eventos climáticos extremos em contexto de conflitos (ano 2023); usa igualmente material de pesquisa sobre mecanismos de adaptação a secas, cheias e inundações no vale do Zambeze (ano de 2024), e de preparação e resposta ao ciclone Idai na cidade da Beira (2019).

DESLOCADOS CLIMÁTICOS E CONFLITUALIDADE - UMA BREVE REVISÃO TEÓRICA

O aumento de eventos extremos tem criado um grande desconforto para os legisladores sobre as definições a serem usadas com relação a refugiados e deslocados climáticos. De um modo geral, deslocados climáticos refere-se ao movimento de pessoas, ou grupo de pessoas, que, por motivos predominantemente de mudanças rápidas ou progressivas no meio ambiente e no clima, são obrigadas ou optam deixar os seus locais habituais de residência, de forma temporal ou permanente, dentro do país ou além-fronteiras⁵. O movimento para fora do país daria direito ao estatuto de refugiado climático; porém, o debate sobre refugiados climáticos continua incoerente e longe do consenso. O termo refugiado é apenas atribuído a pessoas que fugiram da guerra ou perseguição e cruzaram uma fronteira internacional. Portanto, o conceito de refugiado não foi ainda expandido para além de motivações de guerra e perseguição, apesar de fortes protestos globais para incluir pessoas que são obrigadas a cruzar fronteiras por causa de eventos climáticos extremos e pelo desaparecimento de seus territórios⁶. O direito internacional define e protege os refugiados. A Convenção da ONU de 1951 sobre o Estatuto dos Refugiados e seu protocolo de 1967, assim como a Convenção da OUA (Organização da Unidade Africana) – pela qual se regularam os aspectos específicos dos problemas dos refugiados na África em 1969 – ou a Declaração de Cartagena de 1984 sobre os Refugiados. Estes instrumentos internacionais continuam a ser a chave da actual protecção dos refugiados, mas nenhum destes instrumentos aborda a questão de migrantes climáticos.

Conflito representa um estado de tensão, que existe entre duas ou mais partes que percebem que as necessidades ou interesses deles são incompatíveis. O conflito pode ocorrer por causa da distribuição de recursos limitados ou por causa das diferenças em valores, crenças, princípios, estilos de vida, etc.⁷. Na resolução de conflitos usam-se diferentes mecanismos estando, no entanto, que todos eles ancorados numa análise

⁵ Kälin, W. and S. Weerasinghe (2017) 'Environmental Migrants and Global Governance: Facts, Policies and Practices', in McAuliffe, M. and M. Klein Solomon (Conveners) (2017) Ideas to Inform International Cooperation on Safe, Orderly and Regular Migration, IOM: Geneva.

⁶ IOM (2023) Thinking about tomorrow, acting today: The future of climate mobility. Geneva

⁷ Christopher Mitchell, Kevin Avruch (2013) Conflict Resolution and Human Needs. Linking Theory and Practice. Francis & Taylor

bastante profunda das causas intrínsecas dos conflitos e da avaliação dos diferentes intervenientes e interesses em jogo.

Os conflitos não são necessariamente negativos. O dia-a-dia é baseado em conflitos e representam uma oportunidade para redefinir quadros analíticos, buscar novas informações e conhecimentos, forjar alianças e dinamizar processos inclusivos de tomada de decisão⁸. Os conflitos passam a ser negativos quando causam disrupção da ordem social, com implicação de perdas e danos económicos, sociais, ambientais, entre outros.

CATEGORIAS DE DESLOCADOS CLIMÁTICOS NO CONTEXTO DA ÁREA DE ESTUDO

Os deslocados entrevistados incluem diferentes categorias, com diferentes necessidades e potenciais focos de conflito. No geral, os estudos identificaram três principais categorias de deslocados que são nomeados neste trabalho como:

Deslocados-retornados: representa o grupo de deslocados que, na essência, nunca estiveram interessados em se estabelecer definitivamente nos novos espaços geográficos onde foram acolhidos. No geral, sempre estiveram interessados em regressar, assim que as condições o permitissem. Para estes, satisfazia a ajuda humanitária de sobrevivência imediata, mas sem compromissos de longo prazo; tinham pouco interesse em meios de vida de longo prazo, tais como, casas melhoradas e definitivas, investimentos na agricultura, pecuária ou pesca ou, ainda, em estabelecer relações duradouras com as comunidades acolhedoras. Estivavam activamente engajados na busca de informação sobre riscos e benefícios de retorno à zona de origem, e estavam bastante inclinados a enfrentar riscos. Quando a situação se normalizou, foram dos primeiros a retornar. As ONGs, procurando promover meios de vida junto a estes grupos, tiveram, no geral, um desempenho desolador e, qualquer tentativa de forçar alianças e trabalhos conjuntos com as comunidades hospedeiras, poderiam ser motivo de insatisfação e conflito.

Deslocados “anfíbios”: representa o grupo de deslocados que se posicionaram estrategicamente na posição intermédia de explorar os dois contextos: o de retorno à zona de origem, mas sem descurar o novo contexto de acolhimento. Procuraram dividir a sua atenção e investimento de tempo e recursos entre os dois locais geográficos e, sempre que possível, investiram em relações duradouras com as comunidades hospedeiras. Dado este carácter, muitos tiveram de fazer arranjos familiares que permitissem uma presença física regular de alguns membros nos dois contextos. Isto resultava, algumas vezes, na ausência de membros seniores dos agregados familiares em eventos críticos, tais como distribuição de ajuda humanitária, tanto em zonas de origem, como nas de reassentamento. O carácter

⁸ Alex Austin, Martina Fischer, Norbert Ropers (2013) Transforming Ethnopolitical Conflict. The Berghof Handbook. VS Verlag für Sozialwissenschaften.

anfíbio trouxe problemas para alguns pois, o vai-e-vem em contexto de conflito, por exemplo, era entendido, objectiva ou subjectivamente, por alguns, como um mecanismo de busca de inteligência/informação para os terroristas e, não, como um mecanismo de sobrevivência estratégica escolhida pelos agregados. No contexto de cheias e inundações, o carácter “anfíbio” foi bastante recomendado pelas estruturas do governo, quando diziam que os agregados poderiam ir fazer as suas machambas nas zonas baixas, mas devem ter a casa principal na zona alta. Os grandes focos de conflito com esta categoria tinham a ver com a sua inclusão nas listas de distribuição de ajuda, e na acusação de serem parte directa do conflito.

Deslocados-residentes: representa o grupo de deslocados que assumiram as zonas de reassentamento como suas novas zonas residenciais definitivas e, em função disso, desenvolveram todo o sistema de suporte, incluindo redes sociais e de conhecimento, que permitisse que, assim que fosse possível. incluem-se agregados que outrora apenas praticavam a pesca, passaram a dedicar-se a aprender agricultura e outras habilidades e estiveram muito mais engajados no trabalho com as ONGs que promoviam meios de vida sustentáveis em zonas de acolhimento. A interacção deste grupo com as comunidades hospedeiras era mais intensa e alguns conseguiram estabelecer pequenos negócios e criar laços familiares com os locais. Para os reassentados em zonas próximas às cidades, como em Metuge ou Pemba, em Cabo-Delgado, o processo de deslocamento e reassentamento representou, para este grupo, uma oportunidade para aceder a recursos vitais disponíveis nas cidades que não existiam nas suas zonas de origem. O nível de conflito entre este grupo e as comunidades acolhedoras era, no geral, reduzido, dada a forte interacção que foi acontecendo e o conhecimento e confiança mútua que se foram estabelecendo pela convivência.

As três categorias acima mencionadas não terão surgido necessariamente de decisões premeditadas; elas surgiram e fortaleceram-se ao longo do tempo, pelos processos de socialização a que os diferentes grupos foram sendo expostos e que foram capazes de absorver dentro das suas capacidades e limitações. Elas também não representam, necessariamente, atribuições lineares e estáticas ao longo do tempo. Algumas famílias deslocadas residentes decidiram, pelas dinâmicas conjunturais, regressar em definitivo aos locais de proveniência, da mesma forma que, algumas famílias regressadas, depois de experimentar o regresso, decidiram voltar às zonas de reassentamento.

CONFLITUALIDADES NO CONTEXTO DE DESLOCADOS CLIMÁTICOS NAS ÁREAS DE ESTUDO

Os resultados do trabalho de campo permitem identificar, pelo menos, quatro (categorias) de conflitos que ocorrem no contexto de deslocados e sua interação com as comunidades hospedeiras nomeadamente:

1. Entre comunidades hospedeiras e os deslocados: os conflitos envolvem elementos recém-chegados (os deslocados/*vientes*) a novas zonas e os que já habitavam o território (hospedeiros). As razões para os conflitos são diversas e complexas e vão, desde as resultantes de diferenças socioculturais e religiosas, a motivações económico-financeiras. Foram citados casos de rituais e práticas que os deslocados pretendiam fazer e que não encontravam aceitação suficiente nas novas comunidades e/ou o acesso a determinados recursos que era supostamente mais favorecido a um ou outro grupo. Por exemplo, quando as intervenções de ajuda humanitária iniciaram em Cabo-Delgado, toda a ajuda humanitária era direccionada aos deslocados e isso criou conflitos, pois as populações hospedeiras se achavam igualmente em situação de vulnerabilidade.

2. Entre os deslocados: em diversas situações foram encontradas situações de conflito entre os próprios deslocados. As razões para os conflitos foram diversas, mas, muitas vezes, tinham que ver com a forma como os deslocados faziam fluir a informação e bens materiais entre eles; entre eles e as comunidades hospedeiras, e como fluía a informação, bens materiais e não só de e para as zonas de origem enquanto permaneciam e viviam como deslocados.

3. Entre famílias hospedeiras entre si, propiciado ou exacerbado pela presença de deslocados: foram encontradas situações em que famílias hospedeiras tiveram conflitos entre si, derivados de como encaravam e lidavam com a presença de deslocados; algumas famílias eram mais tolerantes e outras não tanto, e entre estes dois tipos de agregados familiares houve ocasiões de conflitualidade.

4. Múltiplos conflitos sem distinção de origem: foram igualmente reportados casos de conflitualidade que nada tinham a ver com a questão de origem (deslocados ou não), mas pela atitudes e práticas das pessoas envolvidas e, neste sentido, formaram-se coalições que incluíam, tanto deslocados, como famílias hospedeiras, para se manifestarem contra práticas e atitudes repudiadas. Estas incluem maus comportamentos dos agentes humanitários ou dos jovens moradores, tanto do centro de refugiados, como nas comunidades circunvizinhas. As intervenções malfeitas pelos agentes externos (ex. ONGs e CBOs), assim como a politização da ajuda humanitária, a captura dos apoios pelas elites locais, todas elas narradas e observadas nos locais de pesquisa, enquadram-se nesta categoria de conflitos múltiplos sem distinção de origem.

OS PRINCIPAIS FACTORES GERADORES DE CONFLITO

Os conflitos não apresentam razão única e, muitas vezes, agregam aspectos altamente subjectivos e factores pré-existentes que são activados em função da acção catalisadora. O estado emocional das pessoas em situações de deslocados-receptores é muitas vezes frágil e propicia a erupção de conflitos⁹. Deslocamentos forçados e interacção com novas comunidades resulta, para os deslocados, em problemas de falta de casa e alojamento em tendas, falta de terra, de emprego, perda de acesso a recursos naturais comuns, perda de seus bens pessoais, insegurança alimentar, morbilidade estendida, perda de redes de protecção social e/ou sua desarticulação traduzindo-se em vários problemas financeiros, psicológicos e sociais latentes que podem catalisar conflitos. No âmbito do estudo, três principais factores emergiram como geradores de conflito, nomeadamente:

Acesso e aceitação do uso dos recursos pelos deslocados: O acesso a terra, água, escolas, hospitais, ajuda humanitária, entre outros recursos imprescindíveis para a vida, tanto de deslocados, como das comunidades acolhedoras, constituiu, em alguns casos, factor de conflito. sobretudo em contextos onde os mesmos já eram limitados para as famílias hospedeiras. Expressões tais como "... estes que vieram, é que acabaram a nossa floresta; é que estão a sujar a vila; ... é que estão a beneficiar de ajuda..." representam os conflitos latentes do acesso e uso de recurso no contexto de deslocados.

Acesso e aceitação de discursos: determinados discursos eram mais hegemónicos que outros e o acesso e o uso nestes discursos permitiam, igualmente, o acesso, ou não, a recursos, e, por isso, eram motivo para confrontações. Palavras, tais como "vulnerável", "deslocado", eram as mais usadas para aceder à ajuda humanitária e, para isso, as pessoas precisavam aprender e ter mestria do uso dos discursos à volta de vulnerabilidade e de deslocamentos. E, dentro dos deslocamentos e vulnerabilidades, as geradas por conflito eram mais atractivas que as geradas por eventos climáticos extremos ou pela degradação da ordem social e económica das comunidades receptoras, no caso de Cabo-Delgado. Enquanto isso, discursos à volta de terrorismo, má governação, desigualdades sociais, economia de guerra traduziam-se em conotações que influenciavam o não-acesso a ajudas e, por isso, tendiam a não ser desenvolvidas e as pessoas forçadas a desaprender estes discursos. Neste sentido, determinados discursos eram encorajados. enquanto outros. eram abafados. e o acesso e o uso nos discursos, e sua interpretação, levava a clivagens entre diferentes indivíduos, sobretudo quando isso resultava em processo de inclusão e/ou exclusão.

⁹ <https://www.internal-displacement.org/expert-analysis/5-key-findings-on-internal-displacement-and-mental-health/>

Aceitação de percursos: não foram apenas o acesso a recursos e os discursos que potenciaram clivagens. Um dos factores importantes de conflitos era a interpretação que se dava aos percursos dos indivíduos em causa. Percursos geográficos, políticos, socioculturais e profissionais tinham implicações no acesso a redes de apoio e a outros recursos importantes para a sobrevivência. O local de proveniência do deslocado, a trajectória percorrida para ele chegar ao local de acomodação, as actividades político-partidárias e/ou profissionais desenvolvidas, antes e durante a estadia no local de recepção e a percepção do poderio económico e financeiro do deslocado ao longo da sua trajectória de vida, eram elementos usados para robustecer ou enfraquecer a aceitação nas redes de apoio e de bem-estar nos locais novos. Neste sentido, a aceitação do percurso era campo de clivagens constantes entre os diferentes intervenientes.

RELAÇÕES FLUIDAS MULTIFACETADAS E COMPLEXAS FORA DA CONFLITUALIDADE

Definir as relações entre os deslocados e as comunidades receptoras como meramente e largamente de conflito é bastante infundado e de grosseira ingenuidade. Existiam, no contexto de interacção entre os diferentes actores envolvidos nos deslocamentos, relações complexas que extravasavam situações de conflitualidade. No contexto da pesquisa, foram identificadas relações de mutualismo/complementaridade onde, tanto os deslocados, como as famílias locais, trabalhavam para benefícios conjuntos. Isto incluía limpezas nas comunidades para evitar o surgimento e propagação de doenças, aberturas de vias, associativismo agrícola ou pesqueiro, entre vários outros exemplos de interacções positivas e mutuamente benéficas. Existiam também relações de comensalismo onde determinados grupos tinham benefícios, mas que os mesmos não impactavam negativamente na vida rotineira dos restantes grupos existentes; isto incluía, por exemplo, ajuda externa aos idosos, doentes crónicos, crianças órfãs, que também tinham o suporte comunitário. Foram igualmente reportadas interacções tóxicas prejudiciais para uma das partes similares ao amensalismo e parasitismo ecológicos, nas quais determinados indivíduos ou grupos, sobretudo as elites locais, incluindo técnicos, tiravam vantagens sobre os restantes outros independentemente de ser da comunidade receptora ou dos deslocados.

À semelhança dos deslocamentos, que não eram estáticos, as diferentes relações eram bastante fluidas no tempo e as interacções tóxicas foram sempre sendo combatidas pelos diferentes intervenientes do processo, algumas vezes, com sucesso e, outras nem tanto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tinha como principal objectivo reflectir sobre as implicações de deslocados “climáticos” no surgimento ou alargamento de conflitos. Ao longo do artigo, foi notado que o número de deslocados tem tendência crescente e espera-se que esta tendência continue ao longo dos próximos anos tendo em conta o aumento de situações causadoras de migrações. Uma das formas de reduzir isso, é aumentar a resiliência das comunidades onde elas estão estabelecidas para que possam fazer face, da melhor forma possível, às adversidades que as apoquentam, sobretudo as ligadas a eventos climáticos extremos. Por outro lado, está-se a tornar cada vez mais difícil distinguir os eventos causadores de migrações quando países, como Moçambique, são afectados, de forma concomitante, por múltiplos eventos adversos, tanto naturais, como os causados pelo homem. Na essência, os deslocamentos climáticos não são necessariamente devido aos eventos climáticos. Os eventos climáticos extremos têm sido apenas catalizadores consubstanciados por outros factores, culturais, económicos, ambientais, políticos, que afectam as comunidades. Neste sentido, é preciso prestar muita atenção ao factor principal que, muitas vezes, está longe do local onde as populações sofrem. Em relação aos deslocados, é preciso ter em conta que não existe uma única comunidade de deslocados; existem, sim, múltiplas comunidades com interesses, capacidades e limitações diferentes. Neste artigo anotou-se a existência de, pelo menos, três categorias de deslocados, que incluem os que querem voltar, os que querem viver nos dois contextos e os que querem fixar-se definitivamente no novo contexto. Estas diferentes categorias têm interações diferenciadas com os diferentes actores à sua volta e motivações de conflitualidade igualmente diferenciadas. E, os conflitos não ocorrem apenas entre os deslocados e as comunidades hospedeiras; os conflitos acontecem em várias direcções e por motivações diversas que incluem o acesso a recursos, os discursos e os percursos. Finalmente, as relações nos contextos de deslocamentos não são necessariamente de conflitualidade; existem relações de colaboração e benefícios mútuos que devem ser acarinhadas, expandidas e exaltadas. E, existem também esforços tendentes a reduzir e, mesmo, eliminar relações tóxicas de conflitualidade, parasitismo e desunião.